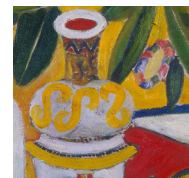


Travessias em economia e psicologia: Eugen Böhler e C. G. Jung – do Logos ao Mito

Rubens Bragarnich

Silvio L. Peres

Artigos



Resumo

Embora os processos macroeconômicos estejam presentes na vida coletiva e individual, com os seus efeitos e decorrências sócio-históricas significativas, eles não têm recebido a devida atenção da psicologia analítica, permanecendo dissociados e à margem das elaborações analíticas. Este artigo é fruto de pesquisa realizada desde 2018 sobre temas econômicos que resultou na descoberta do economista suíço prof. Eugen Böhler e de sua parceria com C. G. Jung já em 1938, quando do ingresso de Jung no ETH, e principalmente de 1955 a 1961, quando produziu ensaios e livros envolvendo os mitos. Crítico dos modelos abstratos e racionais que ainda hoje permeiam as discussões econômicas, Böhler foi quem considerou pioneiramente fatores inconscientes na compreensão da complexidade dos fatores econômicos, buscando, incansavelmente, partir do Logos em direção ao Mito (Mythos). Entendemos com M. D. Ronca e Y. Demierre que Eugen Böhler tenha sido o primeiro economista junguiano.

Palavras-chave: Logos/Mythos, Eugen Böhler, ciência econômica, C. G. Jung, inconsciente.

Todos os movimentos econômicos são produto de expectativas míticas, não no sentido da teoria econômica, mas da psicologia. [...] Psicologicamente, cada recuperação econômica é um processo de criação de mitos que vai além das possibilidades reais até que a discrepância se torne aparente. Os métodos e instrumentos racionais são apenas compensações para as expectativas e meios de controle míticos. [...] A inflação é, portanto, o sintoma óbvio do mito, que também se expressa no fato de todos os envolvidos viverem na projeção e não quererem ver as desvantagens e a sua própria participação na inflação (BÖHLER, 1973, p. 211).

Felicidade e infelicidade dependiam de coisas bem mais profundas do que do dinheiro que se tem no bolso (JUNG, 2015, p. 86).

Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro (AGAMBEN, 2012).

Introdução

A psicologia analítica contribui para as ciências econômicas, sendo Eugen Böhler (1893-1977) o responsável por trazê-la para esse campo. Em 1933, Böhler foi um dos professores a apoiar a candidatura de C. G. Jung (1875-1961) ao Departamento Geral de Assuntos Livres do Instituto Federal Suíço de Tecnologia (ETH), para as aulas de Psicologia Moderna, que, segundo Ulrich Hoerni, tinham como objetivo buscar uma “cultura da psique” (FALZEDER, 2020, p. 15). Jung permaneceu no ETH de 20 de outubro de 1933 até 11 de julho de 1941.

As “travessias” entre Jung e Böhler evoluíram mais profundamente no período entre 1955 e 1961. Jung buscava refletir sobre a complementaridade do inconsciente à consciência e, Böhler, no campo da economia, visava estabelecer as diretrizes racionalistas e os problemas sociais. Ambos formavam uma equipe na abordagem dos problemas da crise moderna da alma humana.

Travessias entre Böhler e Jung

Böhler começou a lecionar na ETH em 1923. Para ele, os sistemas econômicos não abordavam o fator principal com o qual as ciências econômicas deveriam se envolver: as necessidades humanas. Ele considerava que alguns fatores não eram significativos para o raciocínio econômico, como a imprecisão dos índices estatísticos, os cálculos e modelos propostos pelas ciências econômicas e, naturalmente, a sua compreensão eminentemente técnica.

Esses fatores, ainda que estivessem vinculados ao poder de compra, consumo, rentabilidade e condições de trabalho na Suíça na retomada da atividade econômica após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Crise de 1929, como também no pós-Segunda Guerra (1939-1945), eram necessários mas não suficientes para a compreensão dos fenômenos econômicos.

Tal percepção levou Böhler a explorar a psicologia analítica de Jung, especialmente a partir de 1955, determinando uma nova “travessia” pessoal em suas análises econômicas, através de um esforço por uma conexão entre as diversas teorias econômicas e as condições sociais do mundo real, mais precisamente, acerca da própria natureza humana.

Suas “travessias” se aprofundaram a partir da cerimônia de despedida de Jung da ETH, em 1942, ao reconhecer as contribuições do “mestre de Bollingen” às ciências em geral. No período entre 1955 e 1961, Böhler buscou integrar os conceitos da psicologia analítica à economia, conforme se pode verificar na correspondência entre

os dois e em seus escritos, a exemplo de duas obras: *Der Mythos in Wirtschaft und Wissenschaft* (O mito nos negócios e na ciência) (1965) e *Die Zukunft als Problem des modernen Menschen* (O futuro, problema do homem moderno) (1966).

Em 1931, já influente e importante professor da ETH, Böhler publica o artigo "Tecnologia e economia nas decisões intelectuais do presente" ("*Technik und Wirtschaft in den geistigen Entscheidungen der Gegenwart*"). Esse artigo é o primeiro trabalho a se referir às ferramentas junguianas, como inconsciente coletivo, consciência e polaridade, mas sem referenciar a psicologia analítica ou Jung (DEMIERRE, 2023). É difícil explicar, entretanto, a ausência das referências a Jung nas fontes de Böhler. Por outro lado, é útil notar que, dois anos após a publicação desse artigo, em 1933, Böhler recomendou fortemente Jung para o cargo de professor na ETH, o que demonstra que o trabalho do psiquiatra era relevante para suas reflexões acadêmicas acerca da economia.

A partir de 1944, Böhler questiona a relevância das leis econômicas, formuladas no âmbito da política e entre os economistas, usando apenas nas análises dados matemáticos e/ou estatísticos. Segundo Marie-Louise von Franz, nesse período: "Eugen Böhler mostrou que mesmo o pensamento econômico sofre forte influência de representações arquetípicas ou mitológicas" (FRANZ, 1995, p. 109).

Em 1950, Böhler envolve-se ainda mais com a psicologia analítica e passa a usar o termo "mito" em suas abordagens econômicas, entendendo que trata-se de um termo que qualifica as crenças irracionais que participam das formulações econômicas e da ciência em geral. Para Böhler (1967, p. 151): "O mito é o pano de fundo através da fantasia exagerada, que faz a vida realmente valer a pena ser vivida". E mais: "O mito é o princípio dialético que oscila em todos os domínios entre a irracionalidade e a racionalidade, entre a experiência e o conceito, entre o desejo e a realidade".

As "travessias" de Böhler e Jung se intensificam a partir de 1955, conforme encontramos nas cartas de ambos, quando o primeiro procura aprofundar suas dúvidas científicas com relação à psicologia analítica. A primeira carta de Jung a Böhler data de 14 de dezembro de 1955, na qual o economista solicita: "Descreva o que se faz com os arquétipos" (JUNG, 2002, p. 448). Ao que Jung respondeu:

O problema está com o indivíduo moderno, pois somente ele está em condições de dar a resposta contemporânea, ou seja, moderna. Como sempre, a resposta depende dos conceitos contemporâneos, isto é, ela é psicológico-científica no que se refere à "teoria" (JUNG, 2002, p. 449).

A resposta de Jung resultou na formulação da obra *Die Zukunft als Problem des modernen Menschen* (O futuro problema do homem moderno),

de Eugen Böhler, encontrada em castelhano como *El Futuro Problema del Hombre Moderno*, publicada pela Alianza Editorial, Madri, 1967.

Em 1957, Jung publica *Consciente e Inconsciente: Contribuições da Psicologia* (*Bewusstes und Unbewusstes: Beiträge zur Psychologie*). Trata-se de uma coleção de ensaios de Jung, a saber: “Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo”, presente em *O Eu e o Inconsciente* (vol. 7/2); “Introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia”, encontrado em *Psicologia e Alquimia* (vol. 13); “Sobre a fenomenologia do espírito nos contos de fadas”, em *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (vol. 9/1); e “Sobre a psicologia da meditação oriental”, conforme *Psicologia e Religião Oriental* (vol. 11/5). Jung convida o prof. Böhler para prefaciar a obra, sob o título: *Die Bedeutung der komplexen Psychologie C. G. Jungs für die Geisteswissenschaften und die Menschenbildung* (*A importância da psicologia complexa de C. G. Jung para as humanidades e a educação humana*).

Suas “travessias” provocaram as primeiras conexões entre economia e psicologia analítica, posteriormente desenvolvidas por outros autores junguianos como: James Hillman (1982, 1993); Andrew Samuels (1995); Robert Sardello (1998); Axel Capriles (2005); Waldemar Magaldi (2006); Karoline Maria da Silva Giló e Paulo Ferreira Bonfatti (2022); Gustavo Beck (2023). Entretanto, em nenhuma dessas obras Eugen Böhler é mencionado como o precursor dessa “travessia”, podendo, entretanto, ter sido considerado intuitivamente por esses autores, devido às compreensões que tiveram acerca das percepções de Jung.

Coube ao teólogo protestante Gerhard Wehr (1996), autor alemão de aproximadamente 80 obras, sendo quatro delas sobre Jung, apresentar as aproximações entre os pressupostos econômicos de Böhler e a psicologia analítica de Jung, no livro *C. G. Jung und Eugen Böhler: Eine begegnung in briefen* (*C. G. Jung e Eugen Böhler: Um encontro nas cartas*), Zurique: vdf Hochschulverlag AG, ETH), editado em 1996. Nessa obra encontram-se 22 cartas de Eugen Böhler para Jung e oito respostas de Jung, as quais podemos acessar em língua portuguesa; uma delas pode ser encontrada em *Cartas: 1946-1955* (vol. 2) e as demais em *Cartas: 1956-1961* (vol. 3) – edições publicadas pela Editora Vozes.

Jung e Böhler se encontraram pessoalmente em Küsnacht, segundo se verifica em sua correspondência. Em três ocasiões, o economista relata seus sonhos e Jung os analisa. À medida em que o relacionamento se desenvolve, o tom das cartas parece tornar-se cada vez mais íntimo e amigável, conforme pode ser confirmado em sua última carta. Jung reconhece: “Sua amizade me é tão cara e minha velhice tão bem-vinda, pois me trazem a prova viva de que não caí fora do âmbito da humanidade” (JUNG, 2003, p. 237).

Seus objetivos científicos passam pelos seguintes temas: “o racionalismo não entende que ele apenas subtrai e destrói” a nossa

criatividade e nos submete às tecnologias que prometem atividades laborais sem direitos, controladas por burocracia e sem liberdades individuais, isto é, sem possibilidade de um “direcionamento para a pessoa interior e para suas necessidades vitais” (JUNG, 2003, p. 10). Em outras palavras, a tão evocada e prestigiada técnica e o cálculo matemático, como motores propulsores dos desejos econômicos, podem ser obstáculos ao processo de individuação.

As “travessias” em economia e psicologia se aprofundam ainda mais, pois Jung reconhece a contribuição de Böhler para descobrir e experienciar um novo mundo que tomava forma após a Segunda Guerra Mundial. Referimo-nos aos debates acerca da criação do Mercado Comum Europeu e suas complexidades econômicas e sociais. Böhler colaborou para que Jung tomasse uma postura frente às questões econômicas que levassem em conta a afetividade, o relacionamento humano e os valores subjetivos frente às desigualdades socioeconômicas experimentadas pelo mundo nos anos 1950 e 1960. Jung admite que Böhler contribuiu na tomada de consciência quanto aos seus pontos cegos, distanciamentos e desarticulações sobre a economia e suas implicações na vida das pessoas. Jung (2003, p. 78) admite:

O senhor conseguiu uma série de formulações excelentes que acenderam em mim diversas luzes como, por exemplo, em relação ao Mercado Comum e o que significa ética social em geral. Sobre tudo esta última, que até agora vegetava em minha cabeça como algo nebuloso, tomou forma clara, graças a seu ensaio. O senhor exerce em mim uma psicoterapia altamente benéfica e de uma espécie peculiar: o senhor me transmite a valiosa experiência daquilo que chamo de “cooperação cheia de sentido”, uma colaboração em espírito e de fato.

Segundo Demierre (2023, p. 65), Böhler preferia “construir pontes intelectuais através das teorias e conceitos” do fundador da psicologia analítica e sua relevância para as ciências econômicas. Esse foi o motivo pelo qual não aceitou o convite do próprio Jung para ingressar no Instituto C. G. Jung; preferiu, apenas, preservar os laços fraternos entre eles.

Foi através das cartas que Böhler tomou consciência que em seus estudos prevalecia uma “persuasão lógica”, mas admitia que Jung, “graças à sua perspicaz e abrangente observação e à sua originalidade, acostumou-se a considerar as coisas só (para si)” (JUNG, 2003, p. 23). Böhler procurou levar a proposta da psicologia analítica às ciências econômicas quanto à relevância dos mitos; passou a considerar a necessidade de fazer a “travessia do Logos ao Mito”, como Jung considerava:

[...] a pessoa humana e sua alma, o indivíduo, o único e o verdadeiro portador da vida, que não apenas trabalha, come, dorme, se reproduz e morre, mas que tem um destino cheio de sentido e que o ultrapassa. E para isso não temos mais nenhum “mito” (JUNG, 2003, p. 10).

A “travessia” de Böhler, conforme Ronca (2017), tem início quando observa que as medidas econômicas de incentivo ao consumo podem não influenciar na criação de novos empregos e de mais investimentos, como a queda da taxa de juros e os custos de produção. Em 1959, começa a criticar o isolamento da economia dos fatores econômicos, uma vez que, para ele: “A economia real não ocorre no vácuo” (BÖHLER apud RONCA, 2017, p. 12) e é um fator social presente na vida humana. “Os bens econômicos são portadores de fantasias e ilusões que lhes conferem o seu valor e, assim, a economia deve ser compreendida em conexão com os valores psíquicos” (BÖHLER apud RONCA, 2017, p. 152).

Segundo Böhler, as teorias econômicas são incapazes de captar o real da vida econômica dos países porque não levam em conta a influência dos mitos atuantes nos mecanismos político-econômicos, dando preferência às estatísticas em suas formulações, o que chama de “equações matematizadas, contabilísticas e econometristas” da realidade social e cultural. Quanto às estatísticas, afirma:

As estatísticas mostram, pelo contrário, que é muito mais provável, que tanto as causas como a duração dos ciclos econômicos e a relação dos diferentes fatores variam muito de um ciclo para as próximas. É por isso que cada ciclo deve ser considerado como um fenômeno histórico único (BÖHLER apud RONCA, 2017).

Böhler, assim, encontrou uma ciência que fazia sentido desde os seus primeiros estudos; contribuía para interpretar a economia não apenas pela razão, pois essa impede e afasta o homem de ser indivíduo, mas apontava para a necessidade de considerar os mitos pessoais e coletivos que constituem a sociedade humana, como propõe a psicologia analítica de C. G. Jung. Sua “travessia” dava-se nas transformações intelectuais, levando-o a deixar os modelos econômicos “receitados” por sua ciência.

Segundo Demierre (2023, p. 66):

Para Böhler, o lugar do mito é central para a compreensão do problema que o homem enfrenta. O conceito de mito surge quando evoca que a ciência é um mito vivo, provocando a projeção da nossa concepção no mundo exterior. Além disso, a ciência alimenta as técnicas, através de inovações (crescimento perpétuo) que constroem este mundo artificial. Isto explica muito bem por que pensa que existe um problema de descompasso entre a realidade (o mundo que inclui o racional e o irracional) e os nossos modelos, em todos os períodos da história (não somos capazes de integrar ambas as polaridades nos nossos modelos). Para Böhler, a solução para o problema do mito é a autocrítica, tomando consciência desse fenômeno. Tomar consciência disso é um primeiro passo para a mudança. Em outras palavras, o homem deve evoluir tomando consciência do seu interior. O desenvolvimento do interior passa por um processo de individuação, ou seja, um indivíduo que alcança a autorrealização levando em consideração a parte consciente e inconsciente de seu psiquismo. Este evento nos permitirá alcançar uma espécie de plenitude do nosso ser psicológico. É útil especificar que Böhler

expressa a ideia de que certos indivíduos, através da sua preferência pela intuição racional, tornam possível apresentar este mito através do desenvolvimento de técnicas cada vez mais importantes. A ciência retira a sua essência do racionalismo, que obviamente se adapta às pessoas com as suas preferências. Estes últimos, por meio de ideias racionais previamente visualizadas, buscarão projetar suas ideias no mundo por meio de técnicas, criando um mundo irracional. Este ponto é elaborado detalhadamente em suas obras.

Em suas “travessias”, Böhler é levado a perceber que tudo vem de dentro, de forma que o homem precisa aprender com a sua história social e integrar os mundos interior e exterior para não se tornar como um objeto artificial de si mesmo. Assim é a condição do homem moderno, que projeta toda a sua libido no trabalho, talvez antecipando a condição atual desde o advento do neoliberalismo econômico implantado nos anos 1990, acompanhado pela destruição dos direitos dos trabalhadores. Além destes fatores, destaca-se a capacidade dos estados nacionais que aderiram a esse movimento de se posicionarem no cenário mundial, arbitrando, através de instituições, em questões ligadas às condições de trabalho em geral, custos ambientais e taxas de juros. É exemplo disso o famoso slogan “estado mínimo”, uma indicação para que os estados tenham, cada vez mais, menores intervenções nas políticas sociais, para que suas instituições possam acessar fundos financeiros dos próprios estados, visando a defesa de seus próprios interesses, contrários aos trabalhadores. Tal cenário tem feito o neoliberalismo econômico se associar à extrema direita e às medidas autoritárias quanto aos costumes da própria sociedade, modelando um indivíduo coletivizado, com o agravante psicológico regressivo, poroso às posições mais próximas e disruptivas ao mundo contemporâneo.

“Travessia” do Logos ao Mito

Böhler (1973) admite ser muito difícil esclarecer os fundamentos míticos na economia e suas ciências, por uma forte ausência de autocritica por parte de seus proponentes e suas atitudes egocentradas. O pressuposto básico da economia, propalado pelos estudiosos, agentes financeiros e governantes quanto à racionalidade é, na visão de Böhler, o que não autoriza ninguém a assumir a responsabilidade pelo funcionamento dos sistemas, tal como existem há muitas gerações: “A luta pela economia de mercado ou pelo capitalismo não é, portanto, sobre a realidade, mas sobre percepções da mesma realidade, ou seja, uma luta entre avaliações míticas” (Böhler, 1973, p. 202-203).

As contribuições de Böhler à economia apontam para a presença e atuação mitológica nas perspectivas dessa ciência, consideradas pelos especialistas como se estivessem no reino de “logos”, da

racionalidade. Entretanto, seus métodos não levam em conta nem a realidade social nem a condição dos indivíduos, como se esses não tivessem opiniões nem convicções ideológicas pessoais, deixando a maioria da população sujeita aos sofrimentos afetivos por suas decisões. Segundo Böhler (1973, p. 204):

As partes podem consultar os peritos, mas a sua seleção já está politicamente determinada e a decisão é tomada com base em avaliações metafísicas. Na melhor das hipóteses, a imprensa mobiliza a ciência que traz à tona os rumos mencionados. Na medida em que os editores possuem algum conhecimento especializado, a opinião baseia-se em modelos que se tornaram estereótipos, uma vez que em apenas alguns grandes jornais ou meios de comunicação têm funcionários competentes que seriam capazes de examinar as condições específicas do problema individual com suficiente meticulosidade. Assim, ao decidir sobre um problema tão importante, a “racionalidade”, no sentido habitual, desempenha um papel subordinado.

Para Böhler, o *zeitgeist*, o espírito da época, atua nas decisões econômicas de todo o mundo, dissolvendo um dos recursos mais importantes no funcionamento da economia mundial, por exemplo, a flexibilidade cambial, a taxação e a cobrança de juros entre as diferenças das moedas dos países. Assim, encerra todas as possibilidades da prática de solidariedade internacional, porque esta se vê refém das políticas econômicas praticadas pelos sistemas econômicos mundiais quanto às suas previsões, avaliações e reavaliações, além de exigências de flexibilidade das taxas de câmbio, de desvalorização de suas moedas e suas políticas de exportação, limitando as decisões individuais de cada país. Tais previsões continuam a ser feitas apesar de serem inadequadas, conforme a experiência tem demonstrado, precisamente porque se baseiam, segundo Böhler (1973), em mitos que as deixam com um aspecto otimista e místico.

O mito na economia mundial é o *zeitgeist* com o seu discurso técnico-racionalista, isto é, aquilo que o espírito da época, enquanto mecanismo psicológico, considera o “logos” é o “mito” presente e atuante, deixando o indivíduo, enquanto tal, distante da tomada das decisões econômicas em curso. Tal mecanismo psicológico não corresponde à realidade das pessoas, porque funcionam como modelos de pensamento com os quais se deseja apreender a realidade. Aqui figura a exploração das pessoas por sistemas técnico-racionalistas, sem alterar aquilo que chamam de “economia de mercado”, o liberalismo e, agora, o “neoliberalismo”, movimento que se acredita como a solução completa para os problemas econômicos.

Conforme Böhler (1973, p. 205):

Desta forma, o *zeitgeist* coloca sob o seu controle tanto a ciência “isenta de valores” como a economia “racional”. O seu carácter utópico manifesta-se na tendência para formar modelos abstratos do futuro em vez de resolver os problemas

concretos subjacentes à crise monetária, bem como na dissolução das ordens racionais estabelecidas como resultado do processo de desmitologização com que termina toda expectativa mítica. Nenhum dos envolvidos tem consciência de que o sistema que culpam pela crise é produto da projeção da sua própria cumplicidade, que não querem ver. [...] A luta pelos sistemas sociais é, portanto, uma luta pelos mitos. [...] A regra do mito é tão forte que seus seguidores nem percebem o quanto a realidade é diferente das ideologias quanto é supostamente realizada.

Tanto a ideologia do liberalismo, e agora neoliberalismo – economia de mercado –, quanto a considerada “progressista”, que procura rejeitar ou amenizar a exploração das pessoas, segundo Böhler, são carregadas, inconscientemente, de afetos. Cada uma propõe uma gama de afetos, verdadeiros complexos emocionais. As propostas da economia de mercado propõem uma descentralização das decisões, gerando associações a insegurança, poder, propriedade privada, exploração, egoísmo, injustiça, individualismo e caos nas relações econômicas em geral. Já a ideologia “progressista” propõe uma descentralização das decisões quanto à economia, prometendo gerar associações à ideia de comunidade, propriedade comum, paz, justiça, altruísmo, segurança, coletividade e planejamento. Conforme Böhler, ambas as percepções nada têm a ver diretamente com esses afetos. Mas, como pares de opostos, tornaram-se absolutos para ambas as visões e hipóteses econômicas.

Mas os mitos são a única “realidade” psicológica pela qual vale a pena viver, pela qual milhões de pessoas tiveram de perder a vida, pela qual milhões, se não milhares de milhões mais, trabalham, sofrem, prescindem suas vidas, por toda a vida porque são fascinadas pelos símbolos do mito. Embora todos os envolvidos utilizem a artilharia pesada da razão, o resultado nada tem a ver com a razão porque, medido por padrões racionais, deve ser visto como irracional se a realidade nua e crua fosse a fonte de toda a razão, que os racionalistas continuam a ignorar (BÖHLER, 1973, p. 206-207).

O domínio dos mitos também é observado por Böhler nos processos econômicos. Segundo ele:

Os chamados bens econômicos não são, na verdade, objetos materiais, mas projeções de desejos e expectativas para o mundo exterior. A imaginação do consumidor promete o paraíso e colhe os frutos do cotidiano banal porque toda realização desvaloriza o objeto desejado. Na realidade, o indivíduo não sabe o que quer: é vítima da publicidade, do seu estatuto, do conformismo e do *Zeitgeist*. Caso contrário, a política de publicidade, propaganda e vendas da empresa não poderia existir. Isso cria a relativa estabilidade da demanda. O consumidor não é o rei, mas o servo. A racionalidade do consumo está em um lugar pequeno. Apesar da necessidade de equilibrar receitas e despesas, não existe uma ligação racional no curto prazo e menos ainda no longo prazo (BÖHLER, 1973, p. 210).

Diante disto, podemos observar o quanto o mito dirige nossas projeções econômicas pessoais e coletivas, empresariais e estatais, pois os investimentos financeiros buscam realizar desejos que não se saciam. Porém, apesar de poderem nos estimular a atividades construtivas, nos prendem a um estado de inveja, irritação e tormento psíquico, que procuramos compensar com mais aquisições, decisões amorais e antiéticas, e até criminosas, em especial entre empresas multinacionais, bancos centrais, instituições financeiras e bancárias, estabelecendo a condição de desigualdades econômicas. A atuação mitológica sobre nós e sobre a direção da nossa coletividade nos coloca em contato com a fantasia de que o “outro” não tem muito valor, particularmente se ele tem menos dinheiro. O pobre não conta. Além disso, destaca-se a fantasia de esconder os crimes dos roubos contra os mais economicamente injustiçados, que estão sendo elaborados e aplicados mundo afora de forma iníqua, corrupta, competitiva e insensível.

Segundo Samuels (1995, p. 116, 117):

Na desigualdade econômica há esperanças pessoais e nacionais estabelecidas pela riqueza da vida simbólica. Acreditamos nisto emocionalmente, mesmo sabendo intelectualmente que tal riqueza não pode ser comprada por mulher, homens, corporações ou governos. [...] O mito iluminou nosso investimento em tal corrupção. [...] Em nossa época, tanto no Ocidente capitalista como no antigo Leste comunista, é muito difícil superar nossa atitude emocional dividida em relação à economia de mercado.

Considerações Finais

A psicologia analítica fez com que Böhler percebesse que quando o dinheiro passa a ser o centro da vida social, colabora com a aceleração do tempo e o sofrimento psíquico provocado pela integração contemporânea entre finanças e as tecnologias eletrônicas. Ou como expressou Muniz Sodré:

Essa movimentação e a tal reorganização, acionadas pela velocidade das ondas eletromagnéticas, apontam para o cerne da questão: a onda de choque da cultura eletrônica, contraparte da ficção econômica antecipada por Goethe, em que Mefistófeles, para ajudar Fausto, inventa o papel-moeda. Tratava-se, de fato, de uma alquimia, mas o mágico consiste apenas na “aceleração” da experiência. A compressão do espaço pela aceleração do tempo é igualmente a magia e a razão últimas de nosso deslocamento global. Essa magia é hoje aparentemente mais mefistotélica do que divina. No entanto, vale também meditar sobre a frase de Giorgio Agamben: “Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro” (AGAMBEN, 2012 *apud* WULF; BAITELLO, 2018, p. 99).

Böhler (1973) considera a realização humana por valores éticos de vida, tais como a dedicação ao trabalho, porque, através deles,

empreendemos nossa condição individual às diversas adaptações que a vida exige de nós. Não se trata de acumulação de bens, pois essa é uma tendência puramente instintiva que não leva em conta outros valores humanos. Trata-se, outrossim, de coordenarmos os propósitos individuais seguindo a “sabedoria do coração” e não a “teoria do bem-estar”.

A “travessia do Logos ao Mito” parece ser: a) do “logos” do livre mercado – neoliberalismo –, ou da visão progressista acerca dos sistemas econômicos que ambas as perspectivas propõem ao mundo, para b) uma perspectiva de um mito pessoal, pois o acúmulo de bens ocorre às custas da vida e da saúde, da família e da comunidade em geral, do meio ambiente, das condições sociais de nossas cidades e de um desenvolvimento que compromete o futuro e é contrário à “sabedoria do coração”. A redistribuição do rendimento e da riqueza não podem ser derivada de argumentos técnico-racionalistas como os propostos pelos postulados econômicos que consideram tão somente os chamados “arcabouços econômicos” baseados em pleno emprego, estabilidade da moeda e do nível de preços (controle da inflação), como também da balança de pagamentos (controle de gastos sem contar os investimentos em áreas prioritárias, onde os valores humanos são mais necessários, como saúde, moradia, educação, por exemplo) e equilíbrio do crescimento.

Segundo Böhler (1973, p. 216):

Por que não levamos em conta todos os valores humanos para alcançar uma sociedade harmoniosa? A razão é a completa falta de crítica epistemológica dos próprios postulados econômicos, e isto, por sua vez, se deve ao fato de o princípio econômico ter sido mitificado e elevado a um princípio ético através da subsunção de conceitos. Isto reforçou as tendências desastrosas do *Zeitgeist* e, portanto, o desequilíbrio na sociedade.

Um dos motivos principais para fazermos essa “travessia” é a nossa profissão, que integra a atividade econômica e, portanto, participamos do sistema capitalista e da economia, com todas as implicações emocionais e relacionais do processo psicoterapêutico e não apenas em seus aspectos simbólicos. “O dinheiro é sempre um fenômeno que ocorre dentro da relação analítica e a economia tem um valor terapêutico”, segundo Gustavo Beck (2023, p. 215). Assim, estamos envolvidos e compromissados com a nossa prática psicoterapêutica e suas implicações econômicas.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. “Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro”. Entrevista com Giorgio Agamben concedida a Peppe Salvà. São Leopoldo: Instituto Humanitas

- Unisinos, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- BECK, G. Sitting on the impossible bench: reflections on the bridge between social and analytical justice. (Sentado no banco impossível: reflexões sobre a ponte entre justiça social e analítica). In: CARTER, M.; FARAH, S. A. (ed.). **The spectre of the other in Jungian psychoanalysis: political, psychological and sociological perspectives**. London: Routledge, 2023.
- BÖHLER, E. **El futuro problema del hombre moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1967.
- BÖHLER, E. **Psychologie des Zeitgeistes**. Bern und Frankfurt/M.: Verlag Herbert Lang & Cie. AG, 1973. Disponível em: <https://www.inwo.ch/cms/Lesegruppe/leseabend/PsychologieDesZeitgeistes.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- DEMIERRE, Y. **Eugen Böhler: L'économiste jungien**. 2023. Mémoire (Maîtrise en Économique) – Université du Québec, Montreal, 2023.
- FALZEDER, E. **História da psicologia moderna**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FRANZ, M.-L. **C. G. Jung: seu mito em nossa época**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- GILÓ, K. M. S.; BONFATTI, P. F. É tudo sobre dinheiro: os aspectos psicológicos do dinheiro na perspectiva da psicologia analítica. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 346-370, 2022.
- JUNG, C. G. **Cartas: 1946-1955**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2.
- JUNG, C. G. **Cartas: 1956-1961**. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 3.
- JUNG, C. G. **Memórias. Sonhos. Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HILLMAN, J. *et al.* **Soul and money**. Dallas Texas: Spring Publications, 1982.
- HILLMAN, J. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- MAGALDI FILHO, W. **Dinheiro, saúde, sagrado**. São Paulo: Edicta, 2006.
- RONCA, M. D. S. From logos to mythos: the intellectual change of mind of Eugen Böhler, co-founder and first director of the Swiss Economic Institut. In: HISTORISCHES SEMINAR, 2017, Zurich. **Actes [...]**. Zurich: University of Zurich, 2017.
- SAMUELS, A. **A psique política**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- SARDELLO, R. **No mundo com alma: repensando a vida moderna**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1998.
- WEHR, G. **C.G. Jung und Eugen Böhler: eine Begegnung in Briefen** [C. G. Jung e Eugen Böhler: um encontro nas cartas]. Zúrique: Hochschulverlag an der ETH, 1996.

Rubens Bragarnich – Psicólogo, membro do Instituto Junguiano de São Paulo (Ijusp), da Associação Junguiana do Brasil (AJB) e da International Association for Analytical Psychology (IAAP)

rbragarnich@gmail.com

Sílvio Lopes Peres – Psicólogo, membro do Instituto de Psicologia Analítica da Bahia (Ipabahia), da Associação Junguiana do Brasil (AJB) e da International Association for Analytical Psychology (IAAP)

silviolperes@hotmail.com